

190

Xacriabás sepultam os três mortos em clima de revolta

ITACARAMBI — (Dos enviados especiais Wagner Seixas e Mauro Homem) — Um eminente confronto entre posseiros e os índios Xacriabás gerou ontem um clima de tensão na aldeia Sumaré, dentro da reserva indígena onde estão alojadas, precariamente, 89 famílias de colonos. O sepultamento dos três índios — Rosalino Gomes de Oliveira, José Teixeira e Manoel Fiúza — barbaramente assassinados no último dia 11 por um grupo de pistoleiros comandados pelo fazendeiro e grileiro, Francisco Assis Amaro, acirrou ainda mais a disputa de terra na região.

Embora um contingente da Polícia Militar de Montes Claros com reforço de militares de Januária, além da presença de agentes federais esteja na aldeia para garantir a ordem, nenhuma das autoridades policiais descarta a possibilidade de um novo conflito armado. O delegado municipal de Itacarambi, Patrocínio José dos Santos, alertou as demais autoridades para o risco de ocorrerem novas mortes: "É uma situação tensa. Os posseiros que estão acampados na aldeia Sumaré demonstram o temor diante de um ataque Xacriabá."

Ainda ontem, o superintendente de Polícia Federal em Minas, delegado Renato Surette, determinou ao delegado federal Agílio Monteiro Filho e aos cinco agentes que se encontram na reserva, a imediata prisão do fazendeiro Francisco Amaro. Ele, segundo a polícia, é o principal suspeito da "chacina do Sapé", onde três índios foram covardemente assassinados e um ferido, além de um pistoleiro morto. A orientação do superintendente é autuar o acusado em flagrante e conduzi-lo para Belo Horizonte, onde será interrogado.

PM vigia

Cerca de 40 policiais militares bem armados mantêm-se atentos na aldeia Sumaré, dentro da reserva Xacriabá, garantindo a segurança de 89 famílias acampadas em barracas de lona. Os posseiros temem um ataque dos 4.000 indígenas em represália à "chacina do sapé". O prazo para desocuparem a reserva venceu no dia 23 de janeiro. No entanto, através de um acordo entre assessores do Incra, Ruralminas, Funai e líderes indígenas, o prazo foi estendido até o pagamento da indenização e a saída de todos os posseiros do local.

Até a última quarta-feira o clima era tranqüilo, segundo o diretor regional da Secretaria de Trabalho e Ação Social, João

Avelino, depois de visitar a reserva: "não havia qualquer sinal de confronto. Havia apenas uma expectativa com relação à saída dos colonos". Contudo, este clima seria totalmente revertido com o brutal assassinato de três remanescentes Xacriabás em operação comandada pelo grileiro Francisco Assis Amaro, conforme denúncia da Polícia Federal.

Na quinta-feira, os 4.000 índios que compõem a tribo Xacriabá manifestavam sua revolta contra a ação convarde dos pistoleiros do senhor Amaro. Alguns mais radicais defendiam a expulsão imediata dos posseiros instalados no Sumaré, através do uso da força. No entanto, o clima de consternação com as mortes de Rosalino (um dos principais líderes Xacriabá), José e Manoel, desvirtuou, momentaneamente, a decisão de se estabelecer um confronto. Além disso, a própria presença da PM inibiu alguns índios de tentarem a promoção de um ataque contra o acampamento.

Ontem à noite foram detectados movimentos em várias aldeias Xacriabá. Devido a falta de comunicação com a sede da Funai, dentro da reserva, não se sabia o motivo do movimento. Alguns policiais ao analisarem a situação comentavam que o fato poderia representar uma aglutinação de forças indígenas para uma guerra contra os posseiros.

Os sepultamentos

Entoando cânticos alimentados pelo sincretismo religioso, onde misturam-se os dogmas católicos e a cultura Xacriabá, os índios enterraram ontem pela manhã as três vítimas. Num ambiente solene e triste, havia entre eles um sentimento de revolta. O massacre transtornou centenas de índios que compareceram para prestar a última homenagem a Rosalino, José e Manoel.

O chefe Xacriabá, "Rodrigão", mantinha-se distante e silencioso. Ele ponderava junto aos demais remanescentes da tribo a necessidade de permanecerem calmos frente à tragédia: Nenhuma medida radical vai nos ajudar agora, salientava o cacique. Porém, nem assim ele conseguia reduzir o grau de inconformismo e revolta. "Rodrigão" chegou a admitir para um agente federal que a situação era incontrolável, podendo surgir, a qualquer momento, novo conflito.

Segundo a tradição Xacriabá, Rosalino, José e Manoel foram sepultados próxi-

mo de suas casas. Segundo a cultura dos índios, um Xacriabá assassinado não pode ser enterrado em local onde haja cruzeiros. Uma cova rasa foi aberta junto a plantação e os corpos ali depositados ao som de cânticos e instrumentos indígenas.

As vítimas levaram consigo cocares e armas brancas (arco, flecha e faca). No final da cerimônia, o clima de revolta era notado em todos os Xacriabás.

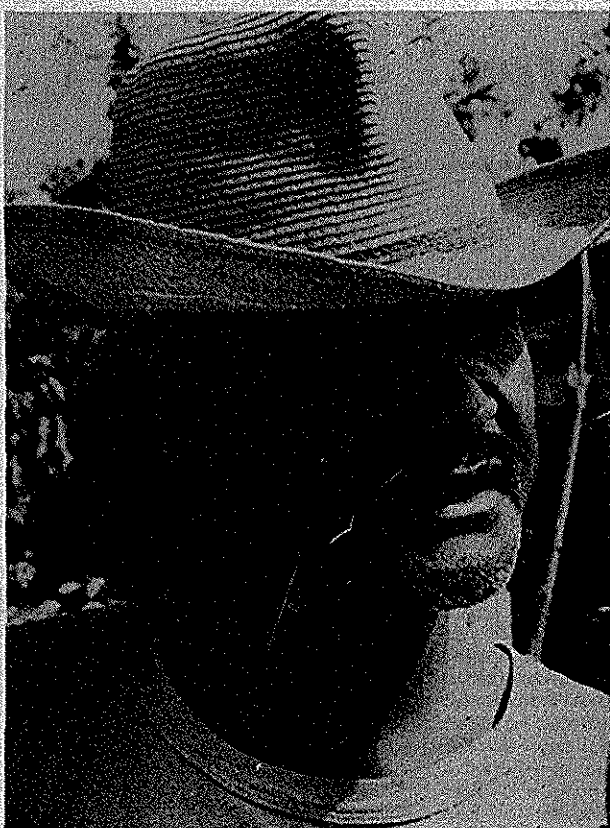
Em Itacarambi, o posseiro Agenor Nunes Macedo, um dos quinze que participaram da chacina do Sapé, foi sepultado no cemitério local.

Chocado com o triplo homicídio, o bispo de Januária, dom Anselmo Miller, defendeu o direito dos índios em relação à terra, considerando a chacina como um "ato de vandalismo e vingança". O bispo alertou as autoridades do estado para a questão da reserva Xacriabá, ressaltando que o problema somente terá uma solução definitiva a partir do momento em que os posseiros forem assentados em Mocambinho, local próximo do projeto Jaíba, no Norte de Minas: Soube da tragédia duas horas depois. Isto já era previsto, porém, tais fatos não podem ocorrer mais. A paz é fundamental na região.

Avalizando a posição do bispo, o secretário do Trabalho e Ação Social, Mário Ribeiro, em visita ontem a Montes Claros, comentou que o descaço do Inera em promover o imediato assentamento dos posseiros é uma das causas deste conflito. Segundo ele, é necessário colocar o homem produzindo na terra e com plenas condições de trabalho. "Ele criticou a medida paliativa do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, ao oferecer um pagamento de meio salário mínimo a partir deste mês a cada colono. Isto é uma atitude paternalista que não resolve o problema. A solução é conduzir estas 89 famílias para Mocambinho ou outra fazenda desapropriada. Do contrário, vamos manter os posseiros ociosos, cuja situação provoca inconformismo e pensamentos radicais".

O secretário Mário Ribeiro confirmou que a Secretaria do Trabalho vem remediando alimentos para as centenas de homens, mulheres e crianças acampadas na aldeia Sumaré. A respeito das denúncias dos desvios de mantimentos, o secretário considerou possível, pois os entregamos diretamente às lideranças sindicais. Não temos provas, mas já ouvimos comentários sobre tal delito, porém, sem confirmação oficial.

Celson Birro



Chefe Rodrigão: distante e falando pouco



Alfredão continua solto em total impunidade

Pela retirada dos posseiros

Localizada a poucos quilômetros do local da chacina de anteontem e abrigando desde setembro 89 famílias de pequenos posseiros expulsos da Reserva Xacriabá, a aldeia do Sumaré, encravada no coração da reserva, é um barril de pólvora prestes a explodir. A opinião é do coordenador do Conselho Indigenista Missionário — Cimi — Fábio Alves dos Santos, que defende a imediata retirada dos posseiros e seu reassentamento em outro local.

Usados na ocupação do local há várias décadas pelos grandes grileiros que reivindicam posse na reserva indígena as 89 famílias estão acampadas no Sumaré aguardando o reassentamento na Fazenda Resaca, no município de Manga, proposto pelo Incra, que conseguiu no ano passado a desapropriação da área para efeito de reforma agrária. Mantidos na reserva por força de acordo firmado pelo órgão com os xacriabás e com a Funai, com validade de 90 dias a partir de setembro passado, quando eclodiu o conflito entre as famílias e os índios, elas ainda aguardam o final do processo de desapropriação, paralisado por decisão do juiz da 10.ª Vara Federal, que concedeu liminar aos donos da área.

De acordo com o coordenador do Cimi, com a paralisação do processo surgiu uma proposta alternativa da Ruralminas, do Inera e da Funai para solucionar o problema da reserva: transportar e reassentar os pequenos posseiros na região do Vale do Jaíba. "Uma coisa é certa" — diz Fábio dos Santos. "A solução tem que ser agilizada imediatamente, pois é iminente o risco de conflitos de maior proporção na reserva".

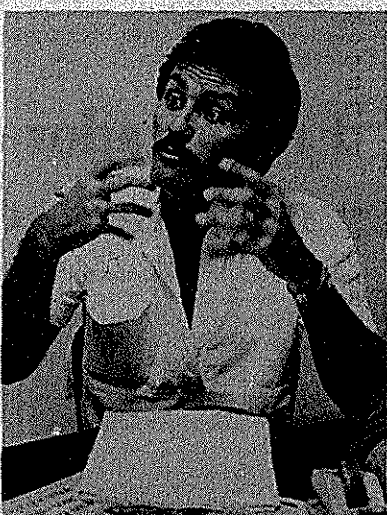
O ataque de quinta-feira à casa do cacique Rosalino não chegou a ser surpresa para a coordenação do Conselho Indigenista Missionário, órgão ligado à Regional-Leste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB. De acordo com o coordenador, o grileiro Francisco de Assis Amaro já havia prometido vingança contra os índios logo após o conflito de setembro, quando um posseiro foi morto durante uma invasão à reserva.

"As mortes desta quinta-feira se enquadram perfeitamente dentro do conflito e da impunidade dos grileiros, porque os assassinos dos índios jamais foram molestados" — diz Fábio dos Santos. "A prova disso é que o pistoleiro conhecido como Alfredo continua livre na região depois de haver assassinado o índio José Pereira Lopes e de ter ferido outros dois, entre os quais Manoel Fiúza, agora morto, que ainda se recuperava do atentado praticado pelo pistoleiro em maio último".

No dia 19 — segundo o Cimi —, o bispo de Guanhães e responsável pela Pastoral Indigenista da CNBB Leste II, Antônio Felipe da Cunha, vai presidir a cerimônia em memória dos índios mortos, que vai ter ainda a participação de representantes de trabalhadores rurais de Montes Claros e Januária e de diversas pastorais da Igreja, de entidades de apoio à questão indígena, de sindicatos e partidos.

Sete índios já foram mortos na luta pela terra da Reserva Xacriabá desde 1982 e, de acordo com a entidade, nenhum dos assassinos se encontra preso. "São poderosos os inimigos dos índios e que ambicionam suas terras" — afirma a nota distribuída ontem pelo conselho e assinada por Antônio Brand e Fábio Alves dos Santos, respectivamente do Secretariado Nacional do Cimi e da Coordenação do Cimi Leste II.

"Por outro lado, o delegado de Itacarambi, Antônio Reis, tem se colocado aberta e descaradamente ao lado dos grileiros de terras indígenas" — denuncia a nota. "Uma breve visita ao fórum de Januária seria suficiente para ver como ele é pródiogo em forjar acusações contra os índios: Isso para não falar de suas incursões na área indígena, sempre acompanhado de grileiros e pistoleiros. Por que maior incentivo ao crime? Contra ele já existem diversas representações junto à Corregedoria de Polícia, mas até hoje não se tem conhecimento de nenhuma providência".



Fábio Alves coordena o CIMI